Acta Scientiarum
http://www.uem.br/acta
ISSN printed: 2178-5198
ISSN on-line: 2178-5201
Doi: 10.4025/actascieduc.v37i3.19533

# Desfiles cívicos escolares no Estado Novo: uma interpretação pelas fotografias[1]

**Juarez José Tuchinski dos Anjos**

*Programa de Pós-graduação em Educação, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil, Universidade Federal do Paraná, Rua Gal. Carneiro, 460, 80060-150, Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: juarezdosanjos@yahoo.com.br*

**RESUMO.** Tomando por fontes fotográficas de um desfile escolar realizado em pleno período do Estado Novo, o objetivo deste artigo, de cunho historiográfico, é apontar como em determinado lugar e tempo histórico, os registros fotográficos permitem identificar a relação dos desfiles cívico-escolares e da própria escola primária com o ambiente e ideologia política da época. O artigo está dividido em duas partes. Na primeira, são tecidas breves considerações sobre a natureza da imagem fotográfica enquanto evidência para o trabalho do historiador, demarcando o modo como será aqui interrogada. Em seguida, procede-se à análise e interpretação das fotografias do desfile em que participaram alunos do Grupo Escolar Dr. Manoel Pedro, na cidade da Lapa, Estado do Paraná, no ano de 1941.

**Palavras-chave:** fotografia, Paraná, história da educação.

## School civic parades during the Getúlio Vargas´s New State Period: an interpretation from photographs

**ABSTRACT.** Based on photographic sources of a school parade during Getúlio Vargas´s New State period, current historiographic essay shows how, within a specific historical place and time, the photographic records identify the relationships between civic school parades and the primary school and the period´s political ideology and environment. The article is divided into two parts. The first part provides brief considerations on the nature of the photographic image as evidence for historians and defines the manner it will be examined. The second part deals with the analysis and interpretation of photographs of the parade involving students of the Elementary School Dr. Manoel Pedro in the town of Lapa, Paraná State, Brazil, in 1941.

**Keywords:** photograph, Paraná, history of education.

## Desfiles cívicos escolares en el Estado Nuevo: una interpretación por las fotografías

**RESUMEN.** Basándose por fuentes fotográficas de un desfile escolar realizado en pleno período del Estado Nuevo, el objetivo de este artículo, de carácter historiográfico, es señalar cómo en determinado lugar y tiempo histórico, los registros fotográficos permiten identificar la relación de los desfiles cívico-escolares y de la propia escuela primaria con el ambiente e ideología política de la época. El artículo está dividido en dos partes. En la primera, son producidas breves consideraciones sobre la naturaleza de la imagen fotográfica como evidencia para el trabajo del historiador, demarcando el modo como será aquí interrogada. Enseguida, se procede al análisis e interpretación de las fotografías del desfile en que participaron alumnos del Grupo Escolar Dr. Manoel Pedro, en la ciudad de la Lapa, Estado de Paraná, en el año de 1941.

**Palabras clave:** fotografía, Paraná, historia de la educación.

## Introdução[1]

Dentre o vasto legado de Marc Bloch à História, está o da concepção dela como ciência interdisciplinar, uma vez que no caminho que trilha para chegar ao homem, seu objeto por excelência, realiza necessárias alianças com outras ciências que ajudam a delimitar e compreender esse objeto humano (BLOCH, 2001, p. 53-54). Daí, ciências como a Sociologia, Psicologia, Antropologia dentre outras, constarem no arsenal de ferramentas das quais o historiador pode se servir, sempre que necessário. Por outro lado, ao refletir sobre os testemunhos históricos que servem como fonte para o trabalho do historiador, Marc Bloch não hesitou em afirmar que a diversidade é quase infinita, uma vez que "[...] tudo o que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode

[1]Esta pesquisa contou com financiamento da Capes-Reuni.

e deve informar sobre ele [...]" (BLOCH, 2001, p. 79). Consequentemente, inúmeras são as fontes pelas quais é possível ao historiador encaminhar sua investigação. É sobre uma delas – as fotografias escolares – e as informações que permitem conhecer sobre uma das experiências históricas em torno da escola, os desfiles cívicos no período do Estado Novo[2], o tema de que este artigo se ocupa.

Uma rápida passagem pela historiografia que trata da temática dos desfiles escolares, em trabalhos que se demarcam ou abarcam o período do Estado Novo no Brasil, demonstra que estes têm sido investigados em diversas perspectivas. Para Marcus Levy Bencostta, analisando a participação dos Grupos Escolares nos desfiles cívicos em Curitiba entre 1903-1971, eles podem ser entendidos como:

> [...] transmissores de uma linguagem coletiva, capaz de expressar concomitantemente múltiplos planos simbólicos que os levam a ser identificados como uma grande festa (BENCOSTTA, 2004, p. 1).

Já Aline Vaz, problematizando as festividades do Dia do Trabalho e da Semana da Pátria em Minas Gerais, encara as festas cívicas – dentre as quais estão os desfiles patrióticos – como "[...] momentos oportunos e privilegiados de legitimação e organização das práticas escolares, na teatralização de condutas e disseminação de valores" (VAZ, 2004, p. 1). Vaz os toma como uma extensão da atividade educativa da escola, em que por meio dos desfiles também se inculcam saberes e condutas nos alunos, a serviço de finalidades alinhadas ao que ela denomina de ideologia estadonovista, caracterizada pela tentativa de construção de uma nova identidade cultural para o Brasil (VAZ, 2004). Maurício Parada, ocupando-se das cerimônias cívicas e práticas disciplinares do Estado Novo no Rio de Janeiro, afirma que pelo fato de serem realizados ao mesmo tempo nas principais cidades brasileiras, os desfiles

> [...] procuravam criar, pela repetição de um mesmo ato, um sentido de continuidade que fortalece a crença de que a comunidade nacional é formada por homens que tem algo em comum (PARADA, 1998, p. 2).

Por fim, Vânia Silva no seu estudo sobre a participação das meninas nos desfiles cívicos em João Pessoa, inclui os desfiles dentro de uma gama mais ampla de práticas que ela define como tradições oficiais em torno do calendário cívico, por meio das quais se buscava "[...] motivar a sociedade para a construção de um país, guiado pela paz e amor à nação" (SILVA, 2009, p. 5).

Embora tais trabalhos aqui mobilizados estejam longe de configurar uma revisão ampla do tema, ajudam a perceber uma pluralidade de significados para um mesmo fenômeno histórico (ainda que espacialmente distinto), indo da festa à tradição oficial, passando pela educação de corpos e formação de um imaginário de igualdade social no Brasil governado por Getúlio Vargas, sem, contudo, esgotar as possibilidades interpretativas em torno deste fenômeno. De maneira geral, estes autores, ao menos nestes trabalhos, serviram-se de fontes escritas. Assim, ao voltar para este tema, tomando por fontes as fotografias escolares, procuro contribuir com mais uma possibilidade de interpretação para essa temática, construída a partir do olhar sobre imagens fotográficas desses desfiles. O objetivo é apontar como em um determinado lugar e tempo histórico, dentro do período do Estado Novo, os registros fotográficos permitem identificar essa relação dos desfiles e da própria escola primária com o ambiente e a ideologia política da época.

O artigo se divide em dois momentos: no primeiro, teço breves considerações sobre a natureza da imagem fotográfica e o modo como será interrogada; em seguida, concentro-me na análise e interpretação das fotografias de um desfile cívico do qual participaram os alunos do Grupo Escolar Dr. Manoel Pedro[3], na cidade da Lapa, Estado do Paraná, no ano de 1941.

## A especificidade do testemunho fotográfico

Segundo Martine Joly (1996), uma imagem fotográfica é, antes de tudo, algo que se assemelha a outra coisa. De forma análoga às imagens de reis na França e na Inglaterra usadas por ocasião dos funerais régios e que foram amplamente problematizadas por Carlo Ginzburg (2001), podemos dizer que a imagem fotográfica é um presente que evoca um ausente, ou, para usar um termo mais caro aos historiadores, ela pode ser tomada como 'uma forma de representação de mundo', produzida em uma época (ou seja, é sempre uma representação do passado), transpassada de valores, expectativas e imaginários, que em conjunto, fornecem o significado amplo da realidade

[2]Na história política do Brasil, o período do Estado Novo é aquele compreendido entre os anos de 1937-1945, caracterizado pela centralização do poder exercido por Getúlio Vargas e por tentativas de construção de um consenso coletivo (SILVA, 2009) e de um modelo de cidadão-trabalhador (DUARTE, 2000), para destacar apenas as características fundamentais.

[3]O Grupo Escolar Dr. Manoel Pedro, primeiro estabelecimento do gênero na cidade da Lapa, segundo os relatórios dos Secretários do Estado, teria sido fundado em 1906 (PARANÁ, 1907). Contudo, com a configuração daquilo que a historiografia vem designando como Grupos Escolares, só passou a funcionar efetivamente em 1915, conforme sugere o relatório do secretário de Estado de 1916 (PARANÁ, 1917). O patrono que dá o nome à escola é Manoel Pedro dos Santos Lima, médico, político, botânico, músico e amigo de Louis Pasteur, na França, com quem se correspondia. Realizou ainda entre os anos de 1888 a 1898 anotações de temperatura da cidade da Lapa, com um rigor bastante apurado para a época. Para maiores informações sobre ele é possível consultar o fac-símile de suas anotações precedido de sua biografia, publicado pela fundação que leva seu nome, com o título *O Tempo no Tempo* (1989).

que ela quer representar. Assim, na pesquisa historiográfica, a realidade representada em uma imagem fotográfica bem como os sentidos e significados que dela decorrem, só são compreendidos quando tomados como resultado da ação dos sujeitos que a constroem, propõe e a interpretam.

As reflexões de Roland Barthes (1984) ajudam a identificar os sujeitos que interferem na construção da imagem fotográfica, da sua realidade e dos seus significados: o *operator* (o fotógrafo), o *spectator* (aquele que olha a foto) e o *spectrum* (aquele ou aquilo que é fotografado). Isso nos permite pensar que o testemunho fotográfico, enquanto representação do passado construída e passível de interpretação, deve ser analisado levando em conta as práticas desses sujeitos que atuam sobre ele como mediadores culturais.

Ao tocar nessa dimensão, que a meu ver perpassa visceralmente o que denominamos de imagem fotográfica, valendo-me das reflexões do historiador Carlo Ginzburg, entendo que o fotógrafo (que por meio do ato fotográfico captura determinada imagem), o expectador (que olha para a foto a partir de determinado lugar e com determinada bagagem de experiências culturais) e o spectrum (que se fabrica na fotografia ou nela é fabricado), são mediadores culturais, com um papel ativo e não passivo, de forma que suas atividades podem ter efeitos diversos, atenuando, reforçando ou distorcendo os conteúdos culturais (GINZBURG, 1991a). Isso faz da 'imagem fotográfica' um objeto cultural repleto de clivagens, fruto da ação desses mediadores, que deixaram nela implícita ou explicitamente, intencional ou inconscientemente, marcas de uma cultura e de uma realidade na qual estavam inseridos, sendo que a tarefa do historiador será, sempre que possível, olhar para cada um desses sujeitos, para por meio da realidade representada conseguir chegar a alguns vestígios ou fatias das experiências por eles vividas no contexto de produção e apropriação primeira da imagem fotográfica.

No que diz respeito ao significado de uma fotografia, é possível afirmar que ele nunca se esgota, mas está em processo aberto de construção, não por parte do fotógrafo e do spectrum, que já deram a sua parcela de contribuição quando do ato fotográfico, mas na parte que toca ao expectador, que por meio do olhar constrói a imagem e por ela também é construído (AUMONT, 1993). Por isso, assumo neste trabalho o papel de historiador-expectador, mediador cultural entre as experiências do passado representadas na imagem fotográfica e a escrita da história no presente, oferecendo minha parcela de interpretação dessa realidade, por meio do meu olhar, olhar do expectador, que não é inocente nem neutro, mas ponto de encontro entre o cérebro e o mundo, influenciado pelo saber de 'quem olha', de seus afetos e crenças (AUMONT, 1993), mas também olhar de historiador, que por força do ofício sempre precisa superar a fórmula do 'é verdade que' para abraçar a do "[...] como explicar quê [...]" (FEBVRE, 2009, p. 44) com vistas à compreensão de algumas das múltiplas mensagens que me são comunicadas pelo contato visual com a imagem fotográfica.

No plano metodológico de análise da imagem fotográfica, Ana Maria Mauad (2004) chama a atenção, dentre outras coisas, para a necessidade de operar com séries fotográficas. Dessa forma, tomo aqui por *corpus documental* o conjunto de fotografias organizadas em dois álbuns fotográficos, que atualmente estão sob a custódia da diretora da Escola Dr. Manoel Pedro, na cidade da Lapa[4]. Entendo-os como séries fotográficas na medida em que meu olhar reconhece neles a reincidência de temas como homenagens, festas, desfiles e cotidiano escolar, representados em fotografias que vão desde a década de 20 até a década de 90 do século passado, oferecendo dessa forma diferentes possibilidades de análise fotográfica para uma mesma temática. Contudo, meu olhar me levou a trabalhar em outra direção.

Para a investigação de um desses aspectos do cotidiano escolar – os desfiles cívicos –, decidi servir-me das fotografias do desfile cívico realizado em 5 de setembro de 1941, por entender que a análise de fotografias de um único desfile pode ser tão rica quanto a análise de séries fotográficas de desfiles anuais contidas naquele álbum, dado que cada momento representado em uma dessas fotografias é ele próprio um testemunho muito mais amplo do que um primeiro lance de olhos parece revelar, porque se insere naquele processo de transversalidade apontado por Carlo Ginzburg, no qual,

> [...] na seção transversal de qualquer presente estão incrustados também muitos passados, com diferente espessor temporal que (...) podem remeter a um contexto espacial bem mais vasto (GINZBURG, 1991b, p. 34).

Por outro lado, a operação com um conjunto de imagens fotográficas bastante restritas tende a conduzir a uma análise mais vagarosa (ainda que não exaustiva, em função dos limites deste texto), capaz de encaminhar o olhar para o nível que Jacques Revel costuma denominar de história ao rés do chão, na qual

[4]O acesso às fotografias deu-se nas últimas semanas do ano letivo de 2009. Além dos álbuns existem ainda inúmeras fotografias avulsas, guardadas (creio ser este o termo mais adequado) em pequenas cestas de vime. Retratos de antigos diretores e professores estão guardados no Arquivo 'Morto' da Instituição.

se pode ver outra coisa, de um ponto de vista diferente (REVEL, 2000).

Procurarei deixar, a partir de agora, que meu olhar e o do leitor percorram e interpretem as fotografias que seguem (Figura 1).

**Figura 1.** Desfile cívico do Grupo Escolar Dr. Manoel Pedro em 5 de setembro de 1941.
Fonte: acervo da Escola Municipal Dr. Manoel Pedro (1941).

Meu olhar depara-se com o *spectrum* da fotografia, aquilo que nela está representado (BARTHES, 1984). Chama-me a atenção, de início, a precariedade da rua por onde marcham a professora e suas alunas. Não se trata de uma ampla e bem pavimentada avenida, mas uma rua estreita calçada com pedras irregulares, de tamanho desproporcional. Do lado esquerdo da foto, vejo o que podem ser dois postes de madeira. Na direção oposta, uma casa em estilo colonial, que me indica tratar-se aqui de uma rua de uma cidade antiga. Meu olhar não consegue reconhecer os demais edifícios representados na fotografia. A professora marcha ao lado das alunas, com um uniforme de gala, preto. As meninas usam sapatos, saia e blusas brancas. Até onde o olhar alcança, consigo identificar que quatro dessas meninas são negras. Elas desfilam, no instante capturado pelo fotógrafo, sob um portal contendo uma faixa com uma frase incompleta: 'abrir escolas é fe...'. Ao contemplar essa frase bruscamente interrompida, recordo uma das jogadas do ato fotográfico, o golpe do corte, no qual o "[...] espaço fotográfico é capturado, arrancado, separado do resto" (DUBOIS, 1993, p. 178). Questionando-me sobre a causa do corte na frase, sou levado a pensar que, para o fotógrafo, não era ela que, naquele momento, realmente importava. Contudo, os que organizaram o desfile, não a colocaram lá por mero acaso. Sou impulsionado a movimentar-me na tentativa de continuar construindo essa imagem, suprindo o não representado (AUMONT, 1993) para compreender melhor a realidade representada.

A frase completa é o famoso axioma de Vitor Hugo: 'abrir escolas é fechar cadeias', frase tão imortalizada que se torna quase impossível descobrir de qual obra ou discurso proferido pelo famoso escritor e político ela foi retirada. Os que a citam, embora não se preocupem com o momento de sua enunciação, usam-na sem cerimônia. Essa frase me faz pensar que uma foto, também, pode ser tomada como um acontecimento, por conter elementos que me permitem chegar ao emaranhado mais rico e também mais complexo em que ele se insere (REVEL, 2009). O acontecimento para mim – escolha do expectador-historiador, diferente da escolha do fotógrafo – é a presença dessa frase no desfile do Grupo Escolar Dr. Manoel Pedro.

A escola, lugar de crianças. A cadeia, lugar de adultos. A escola, espaço de instrução. A cadeia, espaço de punição. Abrir escolas é fechar cadeias. Instruir é não ter de punir. Educar é moralizar. Tal ideário afirmado de diferentes formas ao longo da história da escola pública brasileira, vindo aqui apropriado pelos organizadores do desfile de um Grupo Escolar numa pequena cidade do interior do Paraná, sugere que existiram canais muito eficientes de diálogo entre o pensamento do Estado em relação à escolarização, de um lado, e a população de modo mais amplo, do outro. Os desfiles podem ter sido um desses canais, já que ideias presentes no plano dos discursos da época eram ostentadas nesses eventos, como no caso da Lapa, dando visibilidade ao papel que se queria atribuir à escola naquela conjuntura. As mensagens simbólicas dos desfiles não se referiam somente ao amor à Pátria, mas também à afirmação da escola e de seu lugar social. Se o corte do fotógrafo se caracteriza como uma fatia espaço-tempo horizontal, o corte da fotografia-acontecimento é transversal, para usar a expressão de Carlo Ginzburg (1991b) e vem carregado de outros sentidos, menos perceptíveis, mas presentes.

Nesta segunda imagem fotográfica (Figura 2), meu olhar encara meninos e meninas descendo pela rua, levando um tecido estendido, segurado pelas pontas, que bem pode ser a bandeira do Brasil (como me sugere o globo na parte inferior com o pedaço de uma faixa, semelhante ao do pavilhão nacional). Duas

professoras conduzem os pequenos que vão à frente. Logo atrás identifico mais três professoras e ao fundo uma quarta. Suas vestes negras se destacam de modo impactante em meio à brancura da roupa dos alunos. Pensando a partir da dualidade da representação fotográfica proposta por Roland Barthes, o *studium,* a vastidão nela contida (BARTHES, 1984) é a rua. Mas o *pucntum*, aquilo que se destaca, que me punge (BARTHES, 1984), é a cabeça da professora no canto inferior à direita, voltada para a menina que conduz. O gesto da professora me toca, pois me sugere atenção e sensibilidade de sua parte para com a pequena criança.

**Figura 2.** Desfile do Grupo Escolar Dr. Manoel Pedro – Em frente à Praça General Carneiro.
Fonte: acervo da Escola Municipal Dr. Manoel Pedro (1941).

Ao menos no primeiro plano da fotografia, as meninas estão de um lado (elas usam um laço de fita branco no cabelo) e os meninos de outro. De um e outro lado da rua, pessoas observam o desfile. Ao lado esquerdo, o jogo de sombras me sugere a presença de mais quatro pessoas não representadas, mas presentes naquele instante capturado pelo fotógrafo. Contudo, os prédios e a rua me falam algo que vai além da imagem representada. Sinto que novamente meu olhar está construindo o significado dessa imagem, por meio do reconhecimento e da rememoração (AUMONT, 1993). Afinal, eu, expectador-historiador reconheço essa rua e me recordo de algumas situações e significados que ela evoca a mim e aos demais moradores da cidade. Com efeito, assumo que não há olhar fortuito (AUMONT, 1993). Eu conheço esse lugar.

A rua por onde o desfile passa é uma das mais antigas da cidade. Seu primeiro nome – rua do cotovelo, por causa daquela quebra que vemos lá longe, no fundo da foto – talvez não faça jus ao orgulho que despertam aos habitantes da cidade as experiências que nela tiveram lugar, por ocasião da Revolução Federalista, ocorrida 47 anos antes deste desfile[5]. O primeiro prédio, do lado direito, é o Theatro São João, construído no século XIX e que serviu de enfermaria durante a Revolução. O grande prédio ao fundo, do lado direito, atrás do segundo poste, é o da primeira casa escolar da cidade e que abrigava naquele momento o Grupo Escolar Dr. Manoel Pedro.

Antes de prosseguir nessa análise, gostaria de chamar a atenção para uma das categorias de análise do corte fotográfico denominada de 'fora de campo', que me propõe pensar a relação do 'fora' com o 'dentro da foto' (DUBOIS, 1993). Uma parte do 'fora da foto', mas também presente nela, é o que ficou além do campo do corte espacial no seu lado esquerdo. Há ali a antiga Praça da Matriz, onde em 1894 foi ferido o herói da Revolução, General Gomes Carneiro. Dali ele foi levado para a casa colada ao teatro (a segunda olhando em profundidade). Esta era a casa onde naquela época morava o professor público de meninos, Pedro Fortunato de Souza Magalhães Júnior. Nela e sob os cuidados deste professor e de mais algumas pessoas, faleceu o dito general. A placa de bronze, que vemos após a segunda janela da casa, está lá para não deixar nenhum transeunte esquecer-se disso[6]. Esta rua, tal qual representada na fotografia, que serviu de palco no passado para tantos atos heroicos dos quais a cidade se orgulha, serve agora, no momento capturado pelo fotógrafo, para as comemorações do dia da Pátria, da Independência do Brasil, celebrada por meio do desfile dos alunos do Grupo Escolar Dr. Manoel Pedro.

A utilização deste espaço e não outro para tal ato parece estar em relação com o processo de apropriação dos 'dias em vermelho' no calendário, com vistas à produção de novos sentidos e significados, tão comuns naqueles anos do Estado Novo, quando segundo Maurício Parada, o calendário cívico servia como um dos meios da produção do senso de unidade, de nação (PARADA, 1998). Trata-se, no caso desta representação fotográfica, não apenas de uma data, mas de um lugar, de um palco de heroísmo da república transformado agora em altar de celebração da Pátria, num outro momento dessa experiência republicana. Se antes foi ocupado por atores em tempos de crise, agora era ocupado por crianças, que despreocupadamente,

[5]Por ocasião da Revolução Federalista, durante 26 dias, entre 14 de janeiro e 9 de fevereiro de 1894, a cidade foi sitiada pelas tropas de Gumercindo Saraiva. Durante esse período, organizou-se uma resistência, comandada pelo General Gomes Carneiro. Ao final a vitória ficou com as tropas invasoras e a 11 de fevereiro de 1894 foi assinada a Capitulação, o termo de rendição pacífica da cidade da Lapa. Este episódio ficou conhecido como o 'Cerco da Lapa'.

[6]Ela foi colocada lá em 1938, quando do tombamento daquela casa pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Contém a seguinte informação: "Nesta casa faleceu a 9 de Fevereiro de 1894, tendo sido ferido a 7, o ínclito soldado Antonio Ernesto Gomes Carneiro, herói da Lapa, que resistiu ao Cerco Federalista desde 17 de janeiro".

viviam um dia de tranquilidade no mesmo espaço. É de um movimento do velho compondo o novo que me fala o momento representado na fotografia, mas também de altares que se elevam à Pátria, com a ajuda da escola e que de modo subjetivo atuam na sensibilidade da população ali presente. A constatação de tantos sentidos presentes na rua aqui representada me sugere que a escolha do lugar por onde passava o desfile também ajudava a construir o significado do próprio desfile. Consequentemente, quando mudam os lugares por onde ele passa, permito-me pensar que se alteram também alguns de seus significados.

Surpreendo-me diante desta foto (Figura 3) ao notar algo que até agora me passou despercebido: fazia um dia de sol, um belo dia de final de inverno. A grande quantidade de sombras, do homem de quepe (seria ele um militar?), da mulher, ambos no lado esquerdo da foto, bem como a claridade do céu e as sombras entre os meninos, falam-me de um dia ensolarado. Porém, as roupas mais pesadas dos que assistem ao desfile (por exemplo, do homem e da mulher a que me referi acima) sugerem uma temperatura mais baixa. E isso me faz imaginar que esses meninos, a maioria deles de calção, poderia estar sentido o desconforto da temperatura. Identifico que apenas um deles traja uma calça comprida. Por outro lado, a aparente uniformidade conferida pelo jaleco branco que usam se desmonta um pouco quando passo a olhar para seus pés: uns calçam sapatos brancos, outros sapatos escuros. Reconheço nessa imagem aquela heterogeneidade de signos de que falava Martine Joly (1996), signos plásticos (as cores formadas pelas sombras, pelo céu límpido, o branco e o preto dos sapatos) e signos icônicos (as crianças com frio que identifico, assimilo pelo olhar e das quais, em determinado momento, compadeço-me). De fato, por meio da relação que mantêm entre si, eles produzem o sentido que busco decifrar.

**Figura 3**. Desfile cívico do Grupo Escolar Dr. Manoel Pedro.
Fonte: Acervo da Escola Municipal Dr. Manoel Pedro (1941).

Meu olhar se detém agora no rosto desses meninos que, retribuindo-o, parecem devolvê-lo para mim. Na verdade, alguns deles dão a impressão que queriam posar, se deixar capturar pela lente do fotógrafo. Creio ser esse o caso do menino louro, no canto inferior à direita e do seu colega que vem logo atrás. Já o terceiro da fila, parece estar entretido com algo que se passava para além do campo capturado. A representação desses meninos me fala novamente das relações entre o dentro e o fora de campo, aquela dos jogos de olhar, um fora de campo que

> [...] posiciona o operador explicitamente, que o integra mais ou menos como parceiro invisível, que 'designa seu olhar', que é o próprio lugar do olhar constitutivo da cena e do próprio campo (DUBOIS, 1993, p. 183, grifo do autor)

Esses meninos sabiam estar sendo olhados, capturados pelo fotógrafo; sabiam estar sendo olhados por outras pessoas. Essa alegria e fascínio do 'olhar e ser olhado' dessas crianças me provoca a pensar que os desfiles cívicos se constituíam em um momento especial para elas, nos quais, independente de suas diferenças de ordem econômica ou social (sim, aqueles sapatos brancos insistem em sugerir isso), podiam ser vistas de modo igual, notadas, percebidas. E em contrapartida, se fazer notar e perceber por meio de um olhar fortuito para algum dos expectadores do desfile ou para o próprio fotógrafo, que através do ato fotográfico perpetuou essa experiência narrada em olhares.

Tal interpretação me leva a pensar que os desfiles cívicos, ao menos nesse período do qual me ocupo, já haviam ganho aquela visibilidade desejada pelo governo de Getúlio Vargas. Elementos de ordem, solidariedade e disciplina, evocados por Maurício Parada (1998) a partir das experiências históricas dos desfiles no Rio de Janeiro – capital desta república – parecem estar reproduzidos aqui, ainda que, com graus de intensidade diversos. O sentimento de ordem e disciplina me é comunicado pelo conjunto de meninos que não caminham, marcham. A solidariedade, em contrapartida, um consenso em construção – enquanto alguns meninos passam frio, um está mais bem protegido; a maioria, porém, está 'solidária' na exposição ao clima e na aparente uniformidade dos jalecos, rompida, quebrada pelos sapatos de duas cores. Por fim, por meio do recorte temporal, quando o fotógrafo corta o vivo para perpetuar o morto (DUBOIS, 1993), se estava inscrevendo e produzindo este desfile num conjunto de experiências do cotidiano escolar a serem lembradas e comunicadas aos pósteros por meio de fotografias, como testemunho da inserção do Grupo Escolar na vida da cidade e nos momentos

de festas patrióticas. Um desses momentos foi 05 de setembro de 1941.

## Considerações finais

A investigação conduzida pela análise da imagem fotográfica confirmou-se plena de possibilidades para a construção de interpretações históricas acerca da relação dos desfiles cívicos e da própria escola primária com o ambiente e a ideologia política do Estado Novo. Por um lado, sentidos já há muito conhecidos em outros estudos sobre esse período e tema puderam ser verificados novamente por meio desta investigação, como a tentativa de produção de coesão e sentimento patriótico pela apropriação de festividades cívicas. Por outro lado, o testemunho fotográfico dirigiu nosso olhar para as singularidades que permearam estas experiências e a centralidade da participação dos atores da escola nestes eventos, quando professores e alunos a serviço da produção de tais sentidos e sensibilidades, davam também sua colaboração para que este processo histórico se efetivasse nos mais diversos lugares do Brasil.

No estudo em questão, pudemos observar isso em fotografias de um desfile escolar em especial, que nos permitiram debruçar-nos sobre uma escola, o Grupo Escolar Dr. Manoel Pedro, numa cidade em que talvez os símbolos e significados da República falassem mais alto do que em outras: a Lapa. Se em 1894 ela tinha ruas sitiadas numa das lutas pela consolidação do novo regime, em 1941, tinha suas vias novamente ocupadas, para celebrar a memória de um acontecimento do Império (a Independência), ressignificado pelo Estado Novo (Dia da Pátria) como momento de exaltação e fabricação do sentimento patriótico estadonovista. Se em fins do século XIX fora com armas e luta que a República se materializava na vida daquela comunidade, no período capturado pelas lentes do fotógrafo era pela marcha de meninos e meninas, conduzidos por suas professoras, caminhando debaixo do sol, em meio ao frio e a cartazes evocando o papel conferido à escola que frequentavam na sociedade da qual faziam parte, que os novos sentidos de solidariedade, ordem, disciplina e patriotismo foram produzidos não só nas vidas dos que tomavam parte no ato, como daqueles que os assistiam. E o conjunto dessas múltiplas impressões, foi de certo modo congelado no tempo e preservado para a posteridade por meio do registro fotográfico, que como toda imagem, permitiu-nos construir aqui, mais um sentido, por meio do meu olhar de historiador mas também do seu, de leitor e expectador.

## Referências


ACERVO DO GRUPO ESCOLAR DR. MANOEL PEDRO. Desfile do Grupo Escolar Dr. Manoel Pedro. Lapa, 1941. (Figuras 1, 2 e 3).

AUMONT, J. A parte do expectador. AUMONT, J. (Ed.). **A imagem**. Campinas: Papirus, 1993. p. 77-96.

BARTHES, R. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENCOSTTA, M. L. A. Desfiles Patrióticos: cultura cívica nos grupos escolares de Curitiba. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3., 2004, Curitiba. **Anais...** Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo1/034.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2007.

BLOCH, M. **Apologia da História ou O Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

DUARTE, A. L. Moralidade pública e cidadania: a educação nos anos 30 e 40. **Educação e Sociedade**, v. 1, n. 73, p. 165-181, 2000.

DUBOIS, P. O golpe do corte: a questão no espaço e do tempo no ato fotográfico. In: DUBOIS, P. (Ed.). **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 1993. p. 159-217.

FEBVRE, L. **O problema da incredulidade no século XVI**: a Religião de Rabelais. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GINZBURG, C. Os pombos abriram os olhos: Conspiração Popular na Itália do século XVII. In: GINZBURG, C. (Ed.). **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: DIFEL, 1991a. p. 131-141.

GINZBURG, C. **História noturna**: decifrando o Sabá. São Paulo: Companhia das Letras, 1991b.

GINZBURG, C. Representação: a palavra, a ideia, a coisa. In: GINZBURG, C. (Ed.). **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 85-103.

JOLY, M. O que é uma imagem. In: JOLY, M. (Ed.). **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papirus, 1996. p. 13-40.

MAUAD, A. M. Fotografia e História – possibilidades de análise. In: CIAVATTA, M.; ALVES, N. (Org.). **A leitura de imagens na pesquisa social**: história, comunicação e educação. São Paulo: Cortez, 2004. p. 19-36.

PARADA, M. Educando corpos e criando a nação: cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA ANPUH, 7., 1998, Vassouras. **Anais...** Disponível em: <http:///www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/1998/autor/Mauricio%20Parada.doc>. Acesso em: 6 jan. 2007.

PARANÁ. **Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Vicente Machado da Silva Lima, presidente do Paraná, pelo Bacharel Bento José Lamenha Lins, Secretário de Estado dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública**. Curitiba: Typ. Oficial, 1907.

PARANÁ. **Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Affonso Alves de Camargo, presidente do Estado, pelo Dr. Enéas Marques dos Santos, Secretário de Estado dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública em 31 de Dezembro de 1916**. Curitiba: Typ. de 'A República', 1917.

REVEL, J. A História ao rés-do-chão. In: LEVI, G. (Ed.). **A herança imaterial**. Trajetória de um Exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 7-38.

REVEL, J. Retornar ao acontecimento – um itinerário historiográfico. In: REVEL, J. (Ed.). **Proposições**: ensaios de história e historiografia. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009. p. 3-96.

SANTOS LIMA, M. P. **O tempo no tempo**. Curitiba: Fundação Santos Lima, 1989.

SILVA, V. C. Meninas patriotas: os desfiles cívicos na cidade de João Pessoa (1937-1945). In: SEMINÁRIO NACIONAL GÊNERO E PRÁTICAS CULTURAIS: CULTURAS, LEITURAS E REPRESENTAÇÕES, 2., 2009, João Pessoa. **Anais...** Disponível em: <http://www.itaporanga.net/genero/gt1/15.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2010.

VAZ, A. C. Práticas Escolares nas festividades da 'Semana da Pátria'e 'Dia do Trabalho' em Minas Gerais (1937-1945) In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3., 2004, Curitiba. **Anais..** Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos /cbhe3/Documentos/Individ/Eixo4/297.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2010.

*Received on January 21, 2013.*
*Accepted on May 6, 2013.*

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.